



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.5, dez.2008/maio 2009



# GRANDE SERTÃO: VEREDASE SÃO BERNARDO. NARRATIVAS DE UMA MODERNIZAÇÃO EM SUSPENSÃO

Daniele dos Santos Rosa  
(Mestranda — UnB/CNPq)

## RESUMO

Este breve estudo pretende problematizar alguns aspectos importantes das obras de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa — *São Bernardo* e *Grande sertão: veredas* — que, inseridos em nossa história literária, buscaram, por meio de recursos estéticos diversos, transfigurar uma realidade difícil de ser abarcada, tentando identificar o que essas obras têm a nos dizer enquanto narração de um país que ainda está em busca de encontrar seu próprio caminho no mundo. Pretende-se, então, refletir alguns aspectos dessa relação entre literatura e nação, principalmente como a literatura pode dar a ver, por meio de sua transfiguração da realidade, os mecanismos que regem a sociedade, em especial as forças que se estabeleceram nas diversas fases de nosso processo de modernização.

## PALAVRAS-CHAVE

Local; universal; modernização; subdesenvolvimento.

## ABSTRACT

This study intends to put in doubt some important aspects of Graciliano Ramos and Guimarães Rosa's works — *São Bernardo* and *Grande sertão: veredas* — which tried, enclosed in our literary history and through an amount of esthetic resources, to transform the tough reality that was hard to be handled. Finally, this study tries to identify what those works have to say to us as a narration of a country that is still searching its own way in the world. Therefore, this study aims to reflect about some aspects of the relationship between nation and literature focusing mainly on how literature can expose, through its transfiguration of reality, the mechanisms that rules our society especially the forces that were established during our modernization process.

## KEYWORDS

Local; universal; modernization; sub development.

**G**raciliano Ramos e Guimarães Rosa são dois importantes autores da literatura brasileira, pois além de transfigurarem momentos importantes e decisivos do país em suas obras, ainda são responsáveis por inovar o modelo de representação da nação. Suas obras representam o que há de melhor na produção narrativa nacional. Dessa forma, um estudo que tem por intuito estudá-los se torna relevante para a crítica literária, porque assim será possível contribuir para o conhecimento das peculiaridades de cada artista, além de possibilitar um outro “olhar” para o Brasil, em especial em períodos tão relevantes como os anos de 1930 e 1950. Considerando a vasta obra dos dois escritores e buscando um aprofundamento maior de análise, este artigo faz parte de um estudo comparativo maior entre os dois romances *São Bernardo* e *Grande sertão: veredas*. Aqui se buscará evidenciar as reflexões acerca das obras enquanto narrativas de uma modernização peculiar de nosso país.

Essas obras, segundo Antonio Candido, encontram-se em períodos diferentes do sistema literário nacional, implicando, ainda, formas diferenciadas de produção estilística, de percepção de mundo e de apropriação da forma objetiva. Assim, a obra de Graciliano encontra-se em um período no qual ocorre uma “tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas numa radicalização que antes era quase inexistente. Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura [...] de inserção ideológica” (CANDIDO, 2000, p. 182). Dessa forma, essa “consciência” se realiza por uma percepção que também se dá em âmbito político e social: volta-se o olhar narrativo, e por isso estético, para o Nordeste, para a outra realidade do país que está além dos centros urbanos. Contudo esse olhar não é mais aquele vislumbre pitoresco, mas algo desconfiado, cujas preocupações principais estavam em âmbito das práticas sociais e ideológicas, não mais com intuito de enaltecer as peculiaridades do país. A essa nova forma de percepção da nação, Candido nomeou de “consciência catastrófica do atraso”, pois possuía uma “perspectiva [...] pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro [...]. Desprovido de euforia [...] leva[ndo] à decisão de lutar” (CANDIDO, 2000b, p. 142), cuja implicação estética principal é a ausência da necessidade

urgente de ruptura da linguagem, como ocorreu na primeira fase do Modernismo, bem como a ênfase em questionamentos da função da literatura, sobre o papel do escritor perante à arte e à sociedade e a relação entre ideologia e arte.

Já a obra de Guimarães Rosa, dentro desse processo da tradição literária, assume uma nova perspectiva a partir do que se realizou na década de 1930. Já não se encontra mais uma posição ideológica de luta seja na forma literária, seja na posição do escritor enquanto intelectual. No entanto, a percepção estética do subdesenvolvimento se agrava, atuando como "consciência dilacerada" (CANDIDO, 2000b, p. 162) de um atraso que não é mais circunstancial, é sistêmico, cujas ações ou tentativas de mudança, nos anos de 1930, não conseguiram modificar. Assim, há uma busca por elementos não-realistas, como o monólogo interior, a elipse, bem como um retorno do mito, principalmente na obra de Rosa, mas trata-se de um retorno ao relato fantástico de tradição oral deslocado da realidade, tornando-se "um modo de consciência histórico ou das coisas", resultando em uma passagem do local em direção ao geral, ou seja, "passagem da região para o destino humano" (SCHWARZ, 1981, p. 44).

Tendo em vista esse ponto central de diferenciação, a leitura dos romances implica também certas semelhanças que devem ser ressaltadas, como, primeiramente, o tema principal baseado na contradição entre arcaico e o moderno, tendo o resgate da oralidade como chave estilística. Essa contradição se dá devido ao país estar inserido em um sistema mundo cujo interesse consiste em absorver essas estruturas avançadas, mas seu atraso é parte de sua identidade e sua posição nesse sistema é arcaica, pois esse atraso faz parte da nossa história contemporânea, incluídos no sistema mundo do capital e de seus avanços e recuos.

Assim, essas obras participam da tradição literária nacional e do sistema literário ao permanecerem como tema fundamental comum a contradição entre o arcaico e o moderno, permanecendo a dialética entre localismo e cosmopolitismo como um problema central da Literatura brasileira. Outra especificidade que os aproxima, apesar da distância temporal, é a classificação — pela crítica literária — como regionalistas. Quanto aos aspectos estruturais, as principais semelhanças

que podem ser apresentadas são: a narração feita em primeira pessoa por um narrador-personagem em um tempo ulterior, cuja característica principal é a narração em abismo, em que se realiza o relato de um exame de consciência feito na velhice, cujo intuito é compreender os acontecimentos da vida. Esses dois romances ainda se ambientam no sertão, o de Graciliano no sertão nordestino e o de Rosa no sertão mineiro, os quais, apesar de possuírem características diferentes, ou até opostas, aproximam-se pelo distanciamento ao meio urbano, tratados como ambientes rústicos e arcaicos do país. Outra importante característica em comum é o problema da modernização sendo tratado tanto em âmbito de enredo como no próprio processo de realização da obra, pois esses dois romances são produtos também de fases de modernização do país.

Por meio do enredo de *São Bernardo* (modernização rápida do Nordeste brasileiro demonstrado pelos esforços de Paulo Honório em adquirir a fazenda) e de *Grande sertão: veredas* (tentativa de finalizar as ações dos jagunços por meio da própria jagunçagem, pacto com o Diabo cujo intuito é vencer o inimigo Hermógenes, mas também ascender de classe) percebe-se que se trata de dois processos de modernização diferenciados: o primeiro transfigura "o capitalismo brasileiro em seus primórdios" (DACANAL, 1982, p. 20), em que se promoveu a modernização agrícola em detrimento da transformação do homem rural em trabalhador rural, possuidor de direitos, permanecendo como lugar de exploração e do poder restrito a poucos, em que Paulo Honório é o "representante da modernidade que entra no sertão brasileiro, é o emblema complexo e contraditório do capitalismo nascente" (LAFETÁ, 2004. p. 81) e sua falência enquanto empreendedor e enquanto ser humano pode mostrar também a falência de um projeto que não dá certo no país. Já no segundo, pode-se perceber como se narra a tentativa de urbanização das regiões atrasadas do país, na qual o próprio sertão e seu produto, os jagunços, não fazem parte, devem ser "eliminados" para que assim se chegue à modernização, em que a narrativa de Riobaldo pode ser uma forma de resgate de algo que não existe mais ou que está fadado ao fim. Assim, é

possível encontrar os resíduos dessa modernização, restos que não conseguem se efetivarem na modernização do país.

É importante notar como esse problema da modernização pode ser evidenciado pelo conflito maior que há na literatura brasileira entre o cosmopolitismo e o localismo já mencionado. A modernização já é uma tentativa de universalização. No entanto, é possível perceber que, devido às condições próprias de país periférico, essa universalização não ocorre de forma efetiva, pois a modernização é restrita a certos grupos, permitindo que grande parte da população torne-se alheia às transformações. Essa parte então excluída pode ser "assimilada" como representação da verdadeira identidade nacional, por meio de um localismo exacerbado, recebendo assim um tratamento pitoresco, afastando-a ainda mais da modernização. Ou, então, é inteiramente esquecida, sendo apenas incluída nos subprodutos dessa modernização, como na cultura de massa, por exemplo, travestida de avanço e integração.

Dessa forma, a aproximação e o distanciamento que parece se realizar de uma forma dialética entre esses romances deve ser investigada. É necessário se perceber dentro do sistema literário o que permaneceu e o que se alterou na forma estilística e na forma de transfiguração da forma objetiva, buscado assim uma percepção melhor tanto da Literatura quando das relações sociais do país. Assim, é preciso verificar como os romances mencionados, ao tratarem da modernização por meio da tentativa de resgate de um modo ainda arcaico de relação social e de linguagem, podem demonstrar como essa dialética entre o local e o universal se dá na sociedade brasileira, mostrando como ainda coexistem esses dois pólos tanto na transfiguração narrativa do país por meio das trajetórias de Paulo Honório e Riobaldo, bem como na própria fatura textual, seja na negação da linguagem enquanto instituição, seja na tentativa de junção de linguagens culturais diferenciadas. Para tanto, se buscará perceber alguns aspectos da importante relação entre a forma literária e o processo social a partir das relações dos narradores, Paulo Honório e Riobaldo, com seus personagens, inseridos na narrativa em momentos de modernização do país.

*São Bernardo*, publicado em 1934, é, como afirma Faria (2006, p. 8), “a narrativa da modernização”, ou seja, relata-se a tentativa de modernização do Nordeste, em um período em que a produção dessa região tinha lugar no mercado externo, em que a necessidade de maquinários, de construção de estradas e de benfeitorias “modernas” nos latifúndios fazia-se necessária. Paulo Honório é, dessa forma, um empreendedor, é aquele que buscará o avanço da região, tornando-se um latifundiário: senhor de terras e de homens. Tendo trabalhado no eito da fazenda São Bernardo, resolve possuí-la, para isso aprende aritmética para não ser usurpado em seus primeiros empréstimos, torna-se um negociador de diversos artigos pelo sertão e assume-se como “capitalista” (RAMOS, 2006, p. 25) de profissão. Retorna a Alagoas, torna-se dono da fazenda e como seu objetivo era o progresso na fazenda, fez que tudo o que ali se produzisse ou construísse fosse possibilidade de acumulação de capital: “a escola seria um capital. Os alicerces da igreja eram também capital”, enfim, Paulo Honório torna-se proprietário, um agente do processo modernizador em voga no país, o qual buscava a superação do atraso por meio da modernização nas relações produtivas e comerciais.

Esse projeto modernizatório demonstra todo um processo histórico ao qual passa o país no sentido de se adequar conforme as determinações do sistema mundo. Assim, percebe-se que desde a década de 1920 e principalmente em 1930 há um esgotamento das potencialidades econômicas baseadas quase que exclusivamente na agricultura e há um empenho de modernização advindo com o investimento nas fábricas e na urbanização das cidades, que se prolonga e se intensifica nos anos de 1950, como a política desenvolvimentista. No entanto, é importante perceber que desde a Primeira República foi preciso consolidar um tipo de organização de poder baseado na organização liberal, mas tendo em sua base vários grupos, com diversos interesses e concepções, que disputavam o domínio do país, agora sobre um possível ideal democrático. Dessa forma, a consolidação dessa forma de poder contribuiu para a concretização de uma autonomia aos

Estados, baseada no poder das diversas oligarquias e de seus interesses para seu Estado e suas relações com o poder central.

Diante disso, a década de 1950, momento de produção de *Grande sertão: veredas*, caracteriza-se pelo processo desenvolvimentista do país, promovido por Juscelino Kubitschek, cujo intuito era permitir o país inserir-se na nova fase de industrialização e desenvolvimento tecnológico vivido pelo mundo capitalista, tendo como base o desejo de integrar o interior do país ao seu centro, ou seja, em um âmbito maior, integrar o Brasil ao mundo, nossa tradição arcaica ao moderno. No entanto, a leitura do romance indica um aspecto muito curioso, pois a narrativa retorna a um tempo outrora, volta-se a uma fase anterior da modernização, ao período inicial de investimento na industrialização e na urbanização, momento este em que há uma tentativa de adequação do país as novas formas produtivas e comerciais do sistema mundo, centrados no Centro-Sul do país, momento este muito característico, também, pela tentativa de mudança social buscada pela Revolução de 1930 e de várias mobilizações sociais suscitadas, principalmente, pela possibilidade de mudança trazida pela Revolução de 1917.

Assim, a tentativa de modernização agrária do Nordeste, sua suspensão devido ao interesse atual na urbanização e industrialização de centros urbanos, o vínculo entre a nascente burguesia industrial e os latifundiários do Centro-Sul, também será tratada em *Grande sertão: veredas*, no entanto, a partir de uma perspectiva diferenciada, na qual esse projeto de modernização pode ser visto por outro ângulo, mas que, juntamente com *São Bernardo*, permitirá uma percepção mais completa desse importante processo. É importante salientar que tanto no romance de Graciliano Ramos como no romance de Guimarães Rosa o processo estético de transfiguração da realidade, ou seja, transformar em forma literária a forma objetiva, se dá por meio de um refinamento do documento em que ao superá-lo como descrição da realidade assume-se como ficção e fortalecem sua força sugestiva, como bem salienta Candido ao tratar de Guimarães Rosa, cuja reflexão pode ser muito bem estendida à Graciliano Ramos:

Isto significa que Guimarães Rosa tomou um tipo humano tradicional em nossa ficção e, desbastando os seus elementos contingentes, transportou-o, além do documento, até a esfera onde os tipos literários passam a representar os problemas comuns da nossa humanidade, desprendendo-se do molde histórico e social de que partiram (CANDIDO, 2004, p. 120).

*Grande sertão: veredas* trata, então, da abertura do sertão a essa modernização, cujo desejo de finalizar as ações dos jagunços é a tentativa de superação de antigas estruturas políticas por novos modelos de relação baseadas nas tentativas do país de se incluir na modernização do sistema mundo. É, neste período, que a literatura se apropria ainda mais dos ingredientes regionais e particulares do país a fim de transfigurá-lo e torná-lo universal. Por outro lado, a perspectiva de *São Bernardo* é de quem atua nesse processo, mas seu beneficiamento não é pleno devido às próprias regras e conseqüências da expansão do capital.

Como se repete inúmeras vezes nos capítulos iniciais de *São Bernardo*, Paulo Honório torna-se um capitalista, assume essa posição no projeto de modernização do país, no entanto, verifica-se que as relações sociais, em especial as trabalhistas, não sofrem também uma tentativa de mudança, de modernização, constituindo, então, uma modernidade em suspensão, sem ocorrência plena e efetiva. Na verdade, as formas de divisão do trabalho permanecem, os antigos sistemas patriarcais e clientelistas ainda regem e comandam as relações tanto de Paulo Honório com Marciano, Maria das Dores e outros empregados, até com aqueles que assumem a posição de agregados, recebendo favores e servindo ao protagonista, como Seu Ribeiro (guarda-livros), Costa Brito (jornalista) e Luís Padilha, chamado para ser professor na fazenda.

No Capítulo VI, no qual se narra a trajetória de Seu Ribeiro, é possível identificar dois importantes aspectos desse projeto de modernização social, como a imposição de novas tecnologias e a manutenção das relações sociais. Seu Ribeiro, considerado "major" em seu povoado, era quem conduzia a administração local, resolvia as questões litigiosas, enquanto sua mulher cuidava das questões religiosas, ou seja, "major decidia, ninguém apelava. A decisão do



major era um prego". No entanto, esse povoado começa a sofrer modificações, torna-se vila, constrói-se a estrada de ferro e, com isso, chegam à cidade os chefes políticos e as máquinas. Assim, todo o poder de decisão e o domínio do Seu Ribeiro sobre a pequena população começa a definhir, a sua propriedade, cuja produção era obtida pelo trabalho comunitário, descrito pelo narrador como praticada por "todo o mundo [...] porque todo mundo era do major", acaba por decair e parar sua produção.

É importante notar como esse capítulo é narrado como uma fábula, como uma estória acontecida em um tempo outro, em que tudo pareceria perfeitamente encaixado, sem problemas ou conflitos, como mostra a descrição irônica sobre as relações de trabalho na propriedade de Seu Ribeiro: "e os pretos não sabiam que eram pretos, e os brancos não sabiam que eram brancos", ou seja, evidencia-se uma igualdade de direitos que na verdade não existia já que todos dependiam do major e eram por ele explorados. Assim, essa mudança estrutural que sofre o povoado de Seu Ribeiro e sua decadência pode ser identificada também como um índice de como se dará a trajetória modernizadora de Paulo Honório, já que para o protagonista o problema da decadência de Seu Ribeiro foi sua falta de percepção da mudança e sua inclusão nesse novo processo, pois para ele era preciso que o major andasse mais depressa.

No entanto, percebe-se que o problema não está concentrado somente nas atitudes ou ausência delas, mas sim na própria estrutura dos processos modernizadores do país que, ao apropriar-se de novas técnicas, insere-as sem, contudo, transformar as estruturas sociais. Seu Ribeiro, como outros latifundiários, faliram no momento em que se investiu numa forma de trabalho diferenciada da escravidão e em maquinários, por não se tornarem capitalistas como Paulo Honório, mas o problema maior disso é perceber como a base de trabalho exploratório se manteve e se manterá mesmo, com poucas alterações, depois da consolidação do processo capitalista em nosso país.

Assim, o capitalismo brasileiro não contou diretamente com uma ideologia utópica burguesa que levasse a tentativas mais radicais e mais práticas, como se

deu na Europa, que mesmo ao demonstrar sua impossibilidade, acabou por obter alguns resultados. No Brasil, a evolução do capitalismo parece se processar contraditoriamente e também dependente da manutenção de estruturas pré-capitalistas, no sentido em que se tornou muitas vezes um estímulo para a manutenção das velhas condições sociais pertencentes a modos de produção anteriores e estagnados. Isso se dá porque, como afirma Faria,

A inserção do país no processo modernizador, no entanto, previa a manutenção de estruturas arcaicas no país, como manutenção da mão de obra barata para atender à imposição de vantagens comerciais para os grandes centros capitalistas. Esta era a condição *sine qua non* para a participação dos países latino-americanos no capitalismo mundial e que introduziu definitivamente nestes países a vigência de uma temporalidade dupla — arcaico-moderna — no país (FARIA, 2006, p. 44).

Essa ausência de rupturas efetivas no sistema social do país em oposição a uma efetiva inserção e modernização de técnicas industriais insere no país essa dupla temporalidade, que como afirma Bastos (2005, p. 133), provém da própria condição de formação a partir do par local e universal, cuja enunciação se dá pela contradição dialética entre arcaico e moderno, “atraso/progresso, periferia/centro”. É importante perceber como essa inicial oposição se estabelece de forma dialética, pois convivem ao mesmo tempo em que se contrapõem, já que é essa condição que possibilita a inserção do país no sistema mundo moderno. Assim, a condição para a “modernização” do país, atendendo à demanda das elites nacionais e estrangeiras, apoiava-se na própria manutenção das formas arcaicas de relação social e trabalhista, fixando no país um movimento confuso entre avanço e imobilismo, coexistindo as formas mais requintadas de produção material ao lado dos processos mais cruéis de trabalho.

Essa mesma contradição evidencia-se em *Grande sertão: veredas* pela própria existência do sertão e, principalmente pelo formato que as relações sociais ali se estabelecem. A afirmação de Selorico Mendes, pai de Riobaldo, já evidencia esse processo, pois para ele o sertão se constituía como “Política! Tudo política, e potentes chefias” (ROSA, 2006, p. 104), em que a precariedade do interesse e

sentido público se contrapõe ao próprio interesse liberal das imposições políticas liberais da República, em que a representação política e o reconhecimento social se estabeleciam de “ponderadas maneiras” no sentido em que se fundamentavam a partir de sua ligação com a “linhagem de família”.

Nesse sentido, a partir de uma política estatal liberal, o que se tinha eram a coexistência e a convivência de um patriarcalismo baseado na propriedade privada, nas relações arcaicas de domínio de terra e agregados, ao mesmo tempo em que o acúmulo de capital, enquanto perspectiva moderna, bem como a necessidade e interesse na modernização se salientam profundamente, tanto na perspectiva de seu Habão que, conforme Riobaldo, desejava “reduzir tudo a conteúdo”, pois seu interesse não estava voltado às lutas entre os jagunços mas em transformar tudo e todos em trabalho e acumulação para seu benefício próprio, já que desejava “Zé Bebelo, eu, Diadorim, e todos os companheiros, que a gente pudesse dar os braços, para capinar e roçar, e colher, feito jornaleiros dele. Até enjoei [...] Mas a natureza dele queria, precisava de todos como escravos” (ROSA, 2006, p. 388).

Assim, para Bolle, o ponto central da narrativa de Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, o possível pacto de Riobaldo nas Veredas-Mortas, “é uma representação criptografada da modernização do Brasil”, pois demonstra o quanto esse processo se deu, e parece continuar, de forma “contraditória e perversa” (BOLLE, 2004, p. 148.). Para o autor, essa modernização baseia-se, principalmente, em um projeto político estabelecido como resposta às demandas externas, o qual se fundamenta na aliança entre o campo e a cidade, tendo por objetivo a “abertura do sertão à modernização, superação das estruturas políticas baseadas no crime e na violência, transformação dos padrões de gosto e mentalidade”, já que esse pacto entre classes, de base ambígua, se dá entre os latifundiários e a burguesia industrial nascente, conforme indicado anteriormente. Nesse sentido, verifica-se que as lutas na parte inicial do romance, cujo objetivo de seu principal chefe, Zé Bebelo, era “sair pelo Estado acima, em comando de grande guerra. O fim de tudo [...] romper em peito de bando em bando [...]

liquidar com os jagunços [...] ser deputado”, é uma tentativa de “modernizar o sertão”, que vem desde a campanha de Canudos, tratada por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, que demonstra a principal característica do país: a contradição entre o arcaico e o moderno.

Essa contradição mostra-se latente em todo o romance. Riobaldo ao buscar definir o que é o sertão sempre o evoca como um espaço sem ordem, sem lei, “é o sem-lugar que dobra sempre mais para adiante, territórios”; “Sertão, é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo”, ou seja, é o lugar que está longe do meio urbano e, por isso, torna-se seu avesso, local onde as pessoas carecem de princípios civis, local aonde a modernização não chega, ou melhor, tem de ser destruído ou esquecido, para que essa ilusão modernizadora se concretize. Nesse sentido, verifica-se que a narrativa de *Grande sertão: veredas* é, em si, a transfiguração da sociedade dilacerada entre classes sociais que estão separadas social e economicamente, cuja tentativa de modernização parece aprofundar essas diferenças, em que o que se demonstra não é um avanço social no país, mas a sua deteriorização, explicitada pelas ruínas que esse processo não abarcou, como elucida Starling, o romance de Rosa é a:

Toponímia de ruínas, fragmentos, resíduos de tudo o que o Brasil modernizado não consegue mais aproveitar e descarta por improdutivo, supérfluo, inútil: a massa compacta de vaqueiros, jagunços, tropeiros, garimpeiros, romeiros, [...] sem teto, sem terra, sem coragem, sem direitos, sem futuro e sem existência política (STARLING, 1999, p. 16).

Ou seja, a narrativa de Riobaldo traz, transfigurada, a própria posição do país suspenso entre o desejo universalista de inserção no sistema-mundo, sempre constante em nossa formação histórica, e nosso particularismo manifestado seja na decadência na produção e evolução de uma região como o Nordeste, devido à mudança de rumo do capital nacional e internacional, seja na exclusão de parte da população avessa ao progresso, pois esses dois processos ligam-se intimamente pela própria condição de incompletude do país, em que o avanço convive dialeticamente com o retrocesso, em que coexistem a miséria e a abundância, em que demonstra seu principal aspecto: a barbárie não é o oposto

da civilização, mas sim sua condição de existência, seu avesso contraditório e dialético.

Um dos personagens extremamente característicos desse processo de tentativa de modernização do sertão e de suas conseqüências é o jagunço Zé Bebelo. Seu diferencial dos outros chefes já aparece no início da narrativa: decide aprender a ler e escrever, tendo o jovem Riobaldo como professor. Assim, assumindo essa nova condição de semi-letrado no sertão, aquele que é “inteligente e valente”, assume também a posição de possivelmente ligado ao governo e resolve sair pelo sertão a fim de acabar com a jagunçagem por meio da própria luta entre jagunços. Seu intuito, no entanto, não se restringe à luta, mas é tornar-se deputado após a vitória e, assim: “estável que abolisse o jaguncismo [...] então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas”. Para isso, sua luta se baseia nas armas, nos homens sob seus mandos, como inicialmente Riobaldo, e em seus discursos a “serviço da pátria”, como o próprio recomenda a Riobaldo a “falar muito nacional!”. É muito interessante perceber como seus discursos encaixam tanto em seu momento histórico, a República Velha, como se adequou ao período da década de 1950, que é o discurso ideológico nacionalista que, segundo Starling (2006), acompanha a República desde sua implantação no Brasil.

Enquanto em *São Bernardo* é o protagonista-narrador que promove a modernização, em *Grande sertão: veredas* o processo modernizador é proposto por um personagem, Zé Bebelo, que percebe o sertão como um passado a ser superado, pois

seu próprio projeto político, de natureza reformista e critérios fortemente racionalizadores, alimentado cotidianamente pelo propósito de tomar posse do sertão e inscrever em sua superfície um novo corpo coletivo, necessariamente popular, comum, centralizador, homogêneo e totalizante — o projeto de construção de um “sertão nacional”, como ele sempre fez questão de afirmar. (STARLING, 1999, p. 139)

Assim, a trajetória de Zé Bebelo de ascensão a chefe de jagunços e sua derrota frente à impossibilidade de modernização do sertão transfigura em todo o romance a tentativa de desenvolver seu projeto político de se tornar Deputado e assim “transformar aquele Sertão inteiro do interior, com benfeitorias, para um bom Governo, para esse ô-Brasil”, muitas vezes indo de encontro às vontades e determinações de outros chefes, como até mesmo a de Joca Ramiro, que desejavam a manutenção das estruturas que formação as relações sociais no sertão, sem a interferência totalizadora governamental.<sup>1</sup> Tal projeto demonstrava-se como uma resposta a essa dupla temporalidade que se estabelecia no sertão e poderia ser identificada pela diferença entre as duas margens do Rio São Francisco, em que uma representava o arcaico, a imobilidade e o vazio dos Gerais, enquanto a outra destinava-se a ser o acesso ao moderno, a possibilidade de horizonte e de progresso. Um progresso que, porém, não era visto sempre com bons olhos já que Riobaldo se espantava com as tentativas modernizadoras de certas cidadezinhas que, à troca constante de nomes já enunciava em si a impossibilidade de um progresso pleno.

Nesse sentido, assim como as referências feitas ao período de formação da Revolução de 1930 são bem evidentes no romance, aspectos bem peculiares da então chamada Revolução democrática iniciada com a implantação do Estado Novo e fortalecida, principalmente, pela política baseada no populismo nacionalista de Juscelino Kubitschek está presente, principalmente, na caracterização das ações de Zé Bebelo. Assim, essa própria característica contraditória da ação desse personagem como ser político e jagunço, desejar combater os desmandos dos jagunços por meio de uma guerra entre jagunços, é similar ao próprio antagonismo trazido pela prática do populismo que, como elucida Bolle: “o populismo é um sistema de antagonismos. Como política de aliança de classes, é uma política de aliança de contrários” (BOLLE, 2004, p. 359).

---

<sup>1</sup> Starling propõe uma comparação bem detalhada entre os interesses e propostas políticas dos principais chefes, desde Medeiro Vaz e de sua imposição de poder e formas de comportamento até as mudanças radicais tentadas por Zé Bebelo na perspectiva de organização social e política do Sertão. Ver: STARLING, H. M. M. Lembranças do Brasil — teoria política, história e ficção em Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Renavan; IUPERJ; UCAM, 1999.

Outro aspecto dessa figuração feita por Guimarães Rosa diz respeito aos próprios discursos de Zé Bebelo. Sua própria tentativa de modernizar o sertão por meio de palavras e do incitamento aos elementos nacionais é característica do período nacional-desenvolvimentista do projeto de JK, assim como é muito revelador o discurso feito pelo chefe dos jagunços em um local chamado “município de Brasília”, cujo objetivo era novamente “falar muito nacional”, evidenciado bem como a construção da nova capital do Brasil, ligando o interior ao litoral, era uma promessa de que assim o país se modernizaria e promoveria “a superação do estado de subdesenvolvimento da nação” (BOLLE, 2004, p. 363), conforme o próprio candidato a futuro deputado anunciou: “Zé Bebelo elogiou a lei, deu viva ao governo, para perto futuro prometeu muita coisa republicana”.

No entanto, a leitura do romance demonstra como o intuito de Zé Bebelo mostra-se frágil, sem consistência, como pode ser visto na própria reação de Riobaldo que não acredita em suas promessas e vê em seu antigo aluno alguém que apenas “fala”, cujas intenções parecem não corresponder aos discursos e afirmações que já trazem em si a impossibilidade de concretude: “começava por aí, durava tempo, crescendo na fraseação, o muito instruído no jornal. Ia me enjoando. Porque completava sempre a mesma coisa.”. Nesse sentido, Zé Bebelo é acusado, em seu julgamento quando preso pelo grupo de Joca Ramiro, de “desnortear”, ou seja, de tentar tira do “norte”, do sertão, suas características peculiares, ou melhor, compactua com o desejo governamental de dar fim ao sertão para então construir cidades urbanizadas e modernas.

No entanto, assim como o destino do personagem é perder-se no sertão, desistir da chefia, assim também o projeto modernizador não se concretiza, se perde em suas promessas, pois o que realiza é um distanciamento maior entre o local arcaico e suas populações desprivilegiadas e uma minoria que se moderniza ao passo das demandas externas. Até a situação final de Riobaldo como latifundiário e dos outros jagunços que sobrevivem em extrema pobreza e mendigação, ao final da narrativa, demonstra a não concretização dessas promessas. Na verdade, esse fato é narrado bem no início da obra, mostrado

como um indício de que todo esse processo modernizador realmente não mudaria a situação da população do sertão, seriam promessas em suspensão, cujas estruturas sociais se manteriam.

Nesse sentido, diferentemente de *São Bernardo* em que se evidencia a decadência de um latifundiário diante do processo modernizador que exclui boa parte da população e, sendo perverso em si, acaba por transformar seu agente em vítima também, em *Grande sertão: veredas* não há a decadência de Riobaldo, por exemplo, que como filho de latifundiário, o senhor Selorico Mendes, acaba por receber de herança terras tornando-se senhor de "gados e homens", mostrando-se em uma posição tranqüila, cujos moradores, ex-jagunços e agora seus subalternos trabalhadores rurais, o protegem, como antes acontecia com seu pai, mas ao mesmo tempo evidencia que o projeto de Zé Bebelo se desfaz e este se perde no sertão.

Assim, verifica-se nestes romances um processo modernizador que se impõe ao país, mas que na verdade não se altera as estruturas sociais. As lutas de Riobaldo e Diadorim contra Hermógenes talvez tenham dado fim aos desmandos da jagunçagem da região, no entanto, a estrutura social do latifúndio e a exploração do trabalho permanecem, não há nenhuma tentativa de mudança nas condições subumanas de vida dos catrumanos, nem mesmo nos discursos de Zé Bebelo. A própria presença dos catrumanos na narrativa é de grande importância. Eles se contrapõem não só ao grupo de jagunços, mas àquilo que Riobaldo posteriormente se tornará. Se o fim do poderio dos jagunços permitiu um avanço ao sertão, uma modernização como clamava Zé Bebelo, nada disso foi capaz de alterar a situação seja dos catrumanos, seja do resto da população.

Dessa maneira, esses dois romances acabam por transfigurar todo um período de grande importância para o país, momento este de consolidação da República e de tentativa de implantação no país de suas promessas liberais e modernizadoras. No entanto, mostram que o país está sempre "correndo" atrás de um prejuízo que se revela em sua arcaidade e precariedade social, cujo objetivo de tornar-se uma nação verdadeiramente livre e soberana, uma nação não apenas



com posição privilegiada no sistema mundo, mas um avanço que permitisse a inserção das camadas sempre desprivilegiadas, fica sempre em suspenso. Por isso, perceber que nosso atraso é sistêmico e não casual ou momentâneo e também perceber que um projeto de modernização do país ligado aos interesses externos que não somasse forças com uma tentativa de mudança social — como fizeram esses escritores — é evidenciar sua própria falha. Isso demonstra que essas ações somente farão com que este atraso se evidencie ainda mais, mostrando que essa situação de pobreza não é só um problema a ser resolvido pelo processo modernizador, mas trata-se do avesso não só das elites e das cidades desenvolvidas do país, mas mostra o Brasil também como o avesso de todo um projeto de desenvolvimento mundial, conforme é possível ver nas narrativas desses dois importantes autores.

Portanto, o reconhecimento da posição do país no sistema mundo que a literatura disponibiliza é de grande importância para qualquer tentativa de mudança nas relações sociais e políticas. Assim, o conflito que se estabelece entre os dados locais, a particularidade do país, e a forma ideológica de percepção e relato do mundo, importada pelos intelectuais, não é somente a base da estruturação literária, mas evidencia também o nosso principal dilema enquanto país. Em resposta a isso, buscar compreender que respostas Graciliano e Guimarães deram a esse conflito — em especial como suas literaturas equacionaram o problema da modernização tardia, seja pelo retorno ao passado, ao mítico, a uma linguagem regional ou à criação de uma nova linguagem, seja por falar do sertão no momento em que esta região está fadada ao fim, em que perde sua importância e valor para as cidades e para a tentativa, a todo custo, de modernização e urbanização do país, como e por que falar de um passado que não passou, que é presente e realidade —, isto é, o que *São Bernardo* e *Grande sertão: veredas* têm a nos dizer enquanto narração de um país que ainda está em busca de encontrar seu próprio caminho no mundo.

## Referências bibliográficas

BASTOS, Hermenegildo. *Relíquias de la casa nueva*. La narrativa latino-americana: el eje Graciliano — Rulfo. Cidade do México: Universidade Nacional Autônoma de México, 2005.

BOLLE, W. *Grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: *Vários Escritos*. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro Sibre Azul, 2004.

DACANAL, José Hildebrando. *O Romance de 30*. Porto Alegre: mercado Aberto, 1982.

FARIA, Viviane Fleury de. *Um Fausto cambembe*. Paulo Honório. Brasília: 2006. 204 f. Tese (Doutorado em Literatura). Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LAFETÁ, João. Luiz. *A dimensão da noite*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2004.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 83.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SCHWARZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. A República e o Sertão. Imaginação literária e republicanismo no Brasil. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 6-7, 27 maio 2006. Disponível em: <<http://www.nead.org.br/index.php?acao=biblioteca&publicacaoID=342>>. Acesso em: 26 set. 2007.

\_\_\_\_\_. *Lembranças do Brasil* — teoria política, história e ficção em Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Renavan; IUPERJ; UCAM, 1999.